



Eva [*All about Eve*] (1950) de Joseph L. Mankiewicz
CINE CLUBE, 22 de Abril 2014, BIBLIOTECA, FCT/UNL
“*Eva*, ou duas ou três coisas acerca de Joseph L. Mankiewicz”
Christopher Damien Aurretta



A partir de um conto da autora (e actriz) Mary Caswell Orr (1910-2006) intitulado “The Wisdom of Eve” [A sabedoria de Eva], publicado em 1946, Mankiewicz refunde as linhas de força da narrativa, criando novas personagens, alterando nomes, explorando tensões psicológicas e transpondo para o ecrã todo um paradigma visual, verbal e analítico pertencente ao seu universo fílmico. Nesta transposição para o ecrã, Mankiewicz revela a sua própria sabedoria e mestria no tocante à realidade humana, i.e., na sua essencial tarefa existencial e incessante periclitância. Recorde-se que a palavra *Eva* provém do hebraico *Hawwah*, uma lexia que significa “o que está vivo” ou “fonte de vida” cuja inesgotável complexidade a arte fílmica, segundo Mankiewicz, deve projectar. A obra fílmica de Mankiewicz, na sua naturalidade teatral e teatral natureza, opera, no seu conjunto, precisamente onde *a memória apreende a humana tentação de existir, o pathos de seres em contínua revisão interior e/ou em estado de rascunho terminal.*

Considere-se, por exemplo, a imagem recorrente de espelhos que o filme de Mankiewicz explora. Na primeira cena do filme que reúne todas as personagens deste drama dotado de múltiplos pontos de intensidade reflexiva, *Margo Channing* (Bette Davis [1908-1989], nessa altura com quarenta e dois anos), sentada à frente do espelho do seu vestiário nos bastidores de um teatro (o Teatro Shubert, Broadway, Nova Iorque), o rosto coberto de creme desmaquilhante – recebe *Eve Harrington*, a jovem que a idolatra (uma jovem que, na verdade, cobiça, da mais ensaiada e insaciavelmente calculadora maneira, o papel dos papéis, i.e., a fama, o lugar artístico, o companheiro e a vida de *Margo*). Eis uma imagem perfeita da actriz Bette Davis, bem como da sua personagem-actriz *Margo Channing*, mascarada e, em simultâneo, desmascarada: uma *Margo* triunfal na sua carreira artística e, em simultâneo, vulnerável na sua condição de actriz quarentona, sinceramente histriónica, acidamente insegura no que respeita à sua relação amorosa com o director de teatro oito anos mais jovem do que ela, *Bill Sampson*, a atingir o momento de escolha ou “bifurcação”, nas palavras de Deleuze: tornar-se a caricatura de uma *Margo* mais jovem ou, antes, reinventar, retraçar, reescrever o rumo da sua vida, neste caso, privilegiando (por via do casamento) a sua vida afectiva com *Bill*. Eis igualmente o objectivo do realizador Mankiewicz, patente na sua filmografia, i.e., revelar o que as suas personagens – mesmo as mais astutas, mesmo uma *Eve Harrington* – não podem deixar de revelar na sua humana tarefa de ser e estar com outros seres humanos, de agir e escolher, de comunicar e se expor ao olhar, às escolhas e aos desejos de outros seres humanos. Ainda em torno dos espelhos patentes na economia visual deste filme, repare-se nas últimas imagens do filme, em que a jovem *Phoebe* – num gesto significativo de desmascaramento psicológico, que idolatra por sua vez a agora triunfante *Eve* – se imagina a receber o cobiçado galardão de grande actriz, à frente de um espelho tripartido, multiplicando até ao infinito o seu monolítico desejo, traduzindo assim – num reflexo infinitamente prismático – o drama interior que a consome e comanda. Eis, portanto, uma linhagem “évica”, i.e., o filme actua como a memória imagética dinâmica de uma humanidade de arquetípica continuidade e, em simultâneo, descontínua (ou, melhor, auto-reflexiva e, portanto, imprevisível) complexidade. Eis o espelho apresentado como vector das imagens que demarcam o território dramático de *Eva*, ou melhor, o ecrã-espelho que Mankiewicz privilegia para analisar toda uma humanidade cujos reflexos representativos o seu filme ordena e elucida.

“From the *Cahiers* interview again: “... I try not to distort the life or the conduct of human beings by conferring on them, by means of technique, a preconceived form.” Mankiewicz’s *théâtre du filmé* approach may not be to Gallagher’s taste, but that doesn’t make it an inferior or invalid way of making movies.

For this new genre of *théâtre du filmé*, Mankiewicz adopted a narrative approach Gilles Deleuze describes as “neither straight line nor circle which completes itself,” but instead is comprised of “perpetual forks like so many breaks in causality.” He adds that Mankiewicz movies demand flashbacks so that these forks – pivots – can be exposed, since “forking points are very often so imperceptible that they cannot be revealed until after their occurrence, to an attentive memory.”

This concept of pivot moments underlies the structure of all Mankiewicz films. He builds his movies out of scenes that foreground characters making those decisions that will determine the actions that follow, where more choices will be presented and new decisions made. Autonomy is a paramount virtue in Mankiewicz’s world, and he investigates both its possibilities and its limitations. As a result, his films contain an abundance of dialogue as characters face up to, wrestle with, and finally choose among the options confronting them.” (Brian Dauth, in *Senses of Cinema*)

“O que é relatado é sempre uma derrapagem, um desvio, uma bifurcação”. (In: Deleuze, Gilles, *A Imagem-Tempo, Cinema 2*, trad e introd. Rafael Godinho, Lisboa: Assírio & Alvim, [1985] 2006, pp. 69-78.)



<p>Portais em torno do filme (1950):</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://www.imdb.com/title/tt0042192/ • http://en.wikipedia.org/wiki/All_About_Eve • http://www.imsdb.com/scripts/All-About-Eve.html • http://www.virtual-history.com/movie/film/1753/all-about-eve • http://www.filmsite.org/alla.html • http://movies.amctv.com/movie/1950/All+About+Eve • http://www.youtube.com/watch?v=Eg-ckMup6SI- • http://www.youtube.com/watch?v=skZDG3Ffw8A 	<p>Portais em torno do realizador Joseph L. Mankiewicz (1909-1993):</p> <ul style="list-style-type: none"> • http://sensesofcinema.com/2005/great-directors/mankiewicz/ • http://www.virtual-history.com/movie/person/3595/joseph-l-mankiewicz
---	--

Alguma bibliografia impressa em torno de Joseph L. Mankiewicz (extraída do artigo supracitado de Brian Dauth, patente em *Senses of Cinema*):

- Michel Ciment and Laurence Kardish (eds), *Positif: 50 Years*, Museum of Modern Art, New York, 2002.
(A collection of articles from the French film journal *Positif*, it includes an interesting analysis of *Sleuth*.)
- Bernard F. Dick, *Joseph L. Mankiewicz*, Twayne, Boston, 1983.
(The first book-length book study of Mankiewicz’s career; a necessary text for Mankiewicz scholarship that should be brought back into print.)
- Kenneth L. Geist, *People Will Talk: The Life and Films of Joseph L. Mankiewicz*, Scribners, New York, 1978.
(The only biography of Mankiewicz; it includes critical commentary on his films.)
- Frieda Grafe, *The Ghost and Mrs Muir*, BFI, London, 1995.
(A nice study of an early Mankiewicz film; a good place to begin an investigation into Mankiewicz’s art.)
- Cheryl Bray Lower and R. Barton Palmer, *Joseph L. Mankiewicz: Critical Essays with an Annotated Bibliography and a Filmography*, McFarland & Company, Inc., Jefferson, 2001.
(Solid critical insights plus an invaluable annotated bibliography and filmography.)
- Joseph L. Mankiewicz and Gary Carey, *More About All About Eve*, Random House, New York, 1972.
(An extended interview along with the screenplay of *All About Eve*; essential.)
- Eric Rohmer, *A Taste for Beauty*, Cambridge University Press, Cambridge, 1989.
(A wonderful collection of Rohmer’s writing on film; his discussion of Mankiewicz and *The Quiet American* is a highlight.)

FILMOGRAFIA: COMO REALIZADOR (foi também um produtor e um guionista muito activo)

Dragonwyck (1946)
Somewhere in the Night (1946)
The Late George Apley (1947)
The Ghost and Mrs. Muir (1947)
Escape (1948)
A Letter to Three Wives (1949)
House of Strangers (1949)
No Way Out (1950)
All About Eve (1950)
People Will Talk (1951)
5 Fingers (1952)
Julius Caesar (1953)
The Barefoot Contessa (1954)
Guys and Dolls (1955)
The Quiet American (1958)
Suddenly, Last Summer (1959)
Cleopatra (1963)
The Honey Pot (1967)
There Was a Crooked Man... (1970)
Sleuth (1972)